



AGORA É QUE SÃO ELUS: (DES)IDENTIFICAÇÃO E (DES)LEGITIMAÇÃO NA/PELA LINGUAGEM NEUTRA

Adiel Bernardo da Silva¹

INTRODUÇÃO

A história da comunidade LGBTQIA+ é marcada pela incessante perseguição por espaço e legitimação dentro dos ambientes sociais da nossa sociedade, tendo em vista que estamos inseridos em uma formação social construída sob uma ideologia conservadora e tradicional. Nessa perspectiva, compreendendo que ser *queer*² significa “colocar-se contra a normalização” (LOURO, 2004 *apud* LEWIS, 2018, p. 676), essa comunidade dá início a um efeito de mudança na língua portuguesa: a construção de uma linguagem neutra de gênero. A emersão desse paradigma linguístico objetiva incluir pessoas trans não-binárias na língua, corpos naturalmente marginalizados pela sociedade e que não se sentem contemplados na língua – por não se identificarem com o binarismo masculino-feminino –, a fim de dar visibilidade a esses sujeitos já tão silenciados pela população.

Com base nisso, entendo que a motivação para criação de uma linguagem neutra advém da necessidade de romper com o pressuposto da binaridade linguística, que provém de uma concepção binária de gênero, possibilitando outro olhar/dizer que interpele os sujeitos de outra forma e em outra posição, fazendo com que estes pensem em outra formação das relações sociais, as quais são marcadas pelo uso linguístico. Para tanto, é necessário entender que “a linguagem é investida do poder de criar ‘o socialmente real’³ por meio dos atos de locução dos sujeitos falantes” (BUTLER, 2003, p. 167). Sendo assim, a partir do momento em que se propõe uma linguagem neutra para a língua portuguesa, é possível remover o manto do silêncio colocado sobre as pessoas trans não-binárias, visto que “a linguagem é performativa porque tem o poder de produzir aquilo que nomeia” (LEWIS, 2012, p. 52).

Considerando essas condições de produção, o presente trabalho, um recorte de projeto PIBIC orientado pela Professora Dr^a. Evandra Grigoletto, tem por objetivo analisar como os discursos contrários e favoráveis ao uso da linguagem neutra na língua portuguesa são materializados nas redes sociais, estritamente no *Twitter*, espaço em que observo com maior facilidade a recorrência desses discursos através da *hashtag* #PronomeNeutroNaoExiste. Assim, esse trabalho reflete acerca dessas questões pelo viés do referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso, cujo fundador é Michel Pêcheux.

¹ Graduando em Letras – Português (Lic.), UFPE. E-mail: adielbernardo2@gmail.com

² O termo *queer* vem da língua inglesa e, no passado, de acordo com Lewis (2012, p. 49) “seu significado era “estranho”, mas com o decorrer do tempo começou a ser usada como uma palavra depreciativa para falar das pessoas que faziam performances identitárias não-heterossexuais.”. Anos depois, a palavra foi apropriada pela comunidade LGBTQIA+ para enfatizar que *não seguir o padrão heterossexual não era anormal*.

³ A noção de real expressa aqui não é equivalente à noção de real na Análise de Discurso.

DISCURSO, ESPAÇO VIRTUAL E HASHTAGS

Os discursos produzidos no meio virtual são fruto de discussões diversas, especialmente *pré-construídos*⁴, possibilitando a renovação de problemas a cada atualização. No entendimento de Levy (1996 *apud* GRIGOLETTO, 2011, p. 49), a questão da virtualização é uma dinâmica, “o movimento inverso da atualização [...] uma mutação de identidade”, o que, para Grigoletto (2011), é o processo de passagem do atual ao virtual. Nesse caminho, surgem novos “nós problemáticos”, constituindo uma *desterritorialização* das informações, das pessoas, do espaço, do tempo, de tudo, algo que reflete até mesmo no real⁵, mas não implica afirmar que o espaço virtual é um local sem regras; muito pelo contrário, é um espaço mais fluido do dizer, porém isso não denota falta de controle.

Quanto à constituição do espaço virtual, Grigoletto (2011) não enxerga o virtual desvinculado do espaço empírico e do espaço discursivo, pois, devido à emersão da *internet*, o virtual “emerge no seio de uma determinada formação social, historicamente situada, produzindo efeitos imediatos não só nas práticas discursivas, mas também nas práticas sociais” (GRIGOLETTO, 2011, p. 51), estando localizado entre o empírico e o discursivo, já que possui características de ambos. Entretanto, o virtual também é dotado de suas próprias idiossincrasias, além de ser afetado pelo discursivo, que é afetado pelo empírico. Logo, neste espectro, pode-se dizer que “o virtual configura-se como um espaço onde se materializam diferentes discursividades” (GRIGOLETTO, 2011, p. 51).

Como consequência disso, o espaço virtual tem provocado diversos desdobramentos não só nas práticas sociais do espaço empírico, mas também nas práticas discursivas constituintes do espaço discursivo motivados pelo alto grau de socialização, alcance e capilaridade da *internet*, o que possibilita encontros de afinidades e disparidades. Esses encontros e desencontros ideológicos configuram bolhas homofílicas⁶, que funcionam como “regiões discursivas de subjetivação (de *identificação*, *contraidentificação* e *desidentificação*)” (GRIGOLETTO; FRANÇA, 2018, p. 37, grifo nosso), possibilitando processos de (não) aderência a essas bolhas sociais. Devido ao alto grau de interlocução⁷ da/na *internet*, essas bolhas são separadas por linhas tênues, o que, de acordo com Grigoletto e França (2018, p. 38, grifo dos autores), respaldados em Recuero (2013), “produz situações propícias para o conflito, que podem ser materializadas nas interlocuções ou ‘conversações’ que se produzem na rede”.

O resultado do encontro de bolhas homofílicas distintas é visto em discussões travadas no seio do espaço virtual, materializadas comumente em *hashtags*, que “são palavras associadas a uma informação e disseminadas pelos usuários da grande rede” (GRIGOLETTO; GALLI, 2019, p. 1) que operam tanto de forma técnica quanto de forma linguística, o que é intrínseco da discursividades *online*, nos guiando por esse universo digital para pesquisar sobre certas regularidades discursivas. Nesse sentido, ao fazer o uso de uma *hashtag*, o sujeito-usuário se submete a uma cadeia linguística que representa a inscrição dos

⁴ Conforme Pêcheux ([1975] 2014), *pré-construído* é aquilo pensado antes, é da ordem do *já dado*, “uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 89). Dito de outra forma, “é a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 142).

⁵ Mais uma vez, a noção de real expressa aqui não é equivalente à noção de real na Análise de Discurso.

⁶ Valendo-se do conceito de homofilia postulado por Recuero (2012 *apud* GRIGOLETTO; FRANÇA, 2018, p.36), que “diz respeito (...) a “bolhas” criadas, com efeito homogeneizante, cujo funcionamento é de agregar os iguais e repelir os diferentes”, nomeamos aqui de “bolhas homofílicas” esse espaço uniforme que busca reunir os usuários-sujeitos que se inscrevem dentro de determinada FD no espaço virtual.

⁷ Referimo-nos à interlocução por entender que, segundo Grigoletto (2011), esta configura o momento no qual o sujeito-usuário produz uma discussão, se inscreve em uma FD, por meio da máquina, diferente da interação que, conforme a autora, seria apenas o processo do homem com a máquina por meio de algo já programado, como o curtir.

sujeitos no espaço virtual, como uma forma de juntar todos os discursos sobre aquele tema em destaque. Pelo viés técnico, pode-se dizer que o objetivo das *hashtags* é, de fato, reunir discursos sobre um tema em comum que estão soltos, até mesmo dispersos pela rede digital, algo que, para Grigoletto e Galli (2019, p. 5), produz um efeito “difuso do ponto de vista da circulação, mas também pelo modo como o sujeito-internauta se inscreve na rede, ao curtir, comentar, compartilhar as *hashtags*”.

IDENTIFICAÇÃO, DESIDENTIFICAÇÃO E CONTRAIDENTIFICAÇÃO

Pêcheux ([1975] 2014) compreende que os indivíduos “são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 198, grifo do autor), interpelação que se dá pela identificação do sujeito com a formação discursiva⁸ (doravante, FD) dominante. Nesse sentido, essa interpelação é algo que caracteriza um *desdobramento*, algo inerente ao sujeito do discurso, que possui dois vieses: o primeiro é o que se conhece por “sujeito da enunciação”, o sujeito que assume uma posição, com total responsabilidade, pois lhe é “atribuído o encargo pelos conteúdos colocados” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 198); o segundo é o “sujeito universal”, que está relacionado à *forma-sujeito*⁹.

Considerando esse *desdobramento* entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, percebe-se que ele pode assumir três modalidades. A *primeira modalidade* compreende “uma superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob forma do “*livremente consentido*” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 199, grifos do autor), isto é, todas as vezes que enuncia, o sujeito tem a falsa ilusão de que atua de forma espontânea e consentida, quando, na verdade, está afetado pela ideologia e pelo inconsciente. De toda forma, essa superposição define o discurso do “bom sujeito” que reverbera o Sujeito; dito de outra forma, “o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, *se identifica*” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 199, grifo meu). Sendo assim, pode-se observar o processo de *identificação do sujeito* com a FD em que se inscreve e, conseqüentemente, enuncia, identificando-se com tudo que é produzido dentro de dada FD justamente por estar assujeitado sob a forma do “*livremente consentido*”.

Já, a *segunda modalidade* define o discurso do “mau sujeito”, em que “o *sujeito da enunciação* “se volta” *contra o sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma *separação com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”*” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 199, grifo do autor). Dito de outra forma, é o movimento de *contraidentificação do sujeito* com dada FD, uma batalha contra/sobre a evidência ideológica, afetada pela negação, revertendo isso para *seu* próprio espaço enunciativo, isto é, temos a presença da dissidência da ordem: o sujeito vale-se do discurso com qual se *contraidentifica* para enunciar sobre ele, por isso é tido como “mau sujeito”.

Para além dessa dicotomia de “aceitação livremente consentida”, a *primeira modalidade*, e de “recusa”, a *segunda modalidade*, o autor traz o que seria a “*terceira modalidade*”, que se inscreve no “*efeito das ciências e da prática política do proletariado sobre a forma-sujeito*, efeito que toma a forma de uma

⁸ Consoante Pêcheux ([1975] 2014, p. 147, grifo do autor), formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*”.

⁹ Introduzido por Althusser (1978, p. 67 *apud* PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 150), é “a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais”.

desidentificação, isto é, de uma *tomada de posição não subjetiva*” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 201, grifo do autor). Em outras palavras, há presença de uma ruptura, já que o sujeito não se identifica com a FD a ele apresentada, visto que não existe representação que o constitua nessa, fazendo com que ele se inscreva em outra FD, pois, paradoxalmente, se realiza por um “*processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com organizações políticas “de tipo novo”*” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 202).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Com base nesses apontamentos teóricos, apresento a Sequência Discursiva (SD) postada no dia 24/09/2020 no *Twitter*¹⁰ por um perfil pessoal. Observa-se, de início, uma materialidade composta por elementos significantes¹¹, como a *hashtag* no corpo do *tweet* e a imagem de uma família nos moldes tradicionais sob um guarda-chuva com o dizer “Minha família Minhas regras”, protegendo-se das cores da bandeira LGBTQIA+ que escorrem na foto.



Observando a imagem anexada ao *tweet*, chama atenção o esboço, nas cores pretas, de uma família constituída sob os moldes da ideologia cristã, tradicionalmente conservadora, ou seja, um homem e uma mulher *cis*¹² juntamente ao seu casal de filhos, enquanto os adultos seguram um guarda-chuva, também na cor preta, com o enunciado “Minha Família Minhas Regras”, para proteger sua família das cores da bandeira LGBTQIA+ que escorrem pelo fundo branco colorindo-o.

Com base nesses apontamentos, podemos afirmar que o sujeito-usuário-autor desse *tweet* inscreve-se, mesmo que inconscientemente, na FD conservadora e enuncia, a partir dessa posição, para os demais sujeitos constituintes da bolha homofílica da qual faz parte. Nesse sentido, ao assumir essa posição, o dono do perfil, valendo-se da *hashtag* presente no corpo do *tweet*, e relacionando-a à imagem em questão, direciona-se aos demais usuários da *hashtag* para dizer que a família tradicional não será afetada,

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/JoaoPaulo140294/status/1309145683878969344>. Acesso em: 19 fev. 2021.

¹¹ Conforme Lagazzi (2007, p.1) “na Análise de Discurso, os elementos significantes não são considerados tendo como parâmetro o signo, mas a cadeia significativa, o que permite ao analista buscá-los sempre em uma relação de movimento, de estabelecimento de relações”. Sendo assim, afirmamos que todos os elementos são significantes por entender que cada parte faz agir a incompletude da outra, pois, “a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais” (LAGAZZI, 2007, p. 3).

¹² Abreviação de *Cisgênero*, sujeito que se identifica com o sexo biológico com qual nasceu.

ou melhor, *manchada*, pela ideologia que interpela os sujeitos da comunidade LGBTQIA+, tendo em vista que eles estão protegidos por algo maior que é sustentado pela instituição *familiar*, isto é, a ideologia conservadora e tradicionalista cristã.

Com o intuito de mascarar essa ideologia, é utilizado o enunciado “Minha Família Minhas Regras”, um funcionamento da ordem da paráfrase e da polissemia, conforme entende Orlandi (2015)¹³, visto que há um deslocamento de uma forma do discurso feminista liberal “Meu Corpo Minhas Regras” para o discurso tradicional. Nesse sentido, há um movimento de paráfrase, se pensarmos apenas que houve uma substituição de termos na passagem do enunciado original para o presente na imagem, e um movimento de polissemia, observando que com essa passagem houve também um deslocamento de sentidos, tendo em vista que o discurso feminista liberal passou a ser utilizado por um sujeito interpelado por uma ideologia tradicionalista. Logo, o discurso, que uma vez estava inscrito na FD progressista, isto é, “Meu Corpo Minhas Regras”, passa a inscrever-se na FD conservadora ao sofrer o fenômeno da polissemia, tornando-se “Minha Família Minhas Regras”.

Para além disso, o enunciado “Minha Família Minhas Regras” confere ao sujeito-usuário a falsa ideia de que ele toma decisões por conta própria no que tange a sua família, quando, na verdade, ele está *assujeitado* pela ideologia que o atravessa. Sendo assim, por entender que a linguagem neutra se apresenta como mecanismo de legitimação e identificação de pessoas trans não-binárias, membros da comunidade LGBTQIA+, este sujeito, interpelado por essa ideologia conservadora, posiciona-se contrário a essa linguagem, fazendo o uso da *hashtag* #PronomeNeutroNaoExiste para silenciar esses sujeitos não apenas no social, mas também no linguístico.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2003.
- GRIGOLETTO, E. O discurso nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem: entre a interação e a interlocução. *In*: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (org.). **Discursos em rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011. p. 41-78.
- GRIGOLETTO, E.; FRANÇA, T. A. Imagens do/no espaço virtual: sobre as condições de produção do discurso de ódio no Facebook. *In*: SILVA, F. V. da; ABREU, K. F. (org.). **O império do digital**: teoria, análise e ensino. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- GRIGOLETTO, E.; GALLI, Fernanda Correa Silveira. Discursividades Online: O processo de (des)identificação pelas *hashtags*. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 9, 2019, Recife, PE. **Anais** [...]. Recife: UFPE, 2019. Disponível em: <https://www.discursosead.com.br/simposios-ix-sead>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- LAGAZZI, S. O recorte significativo na memória. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3., 2007, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: <https://www.discursosead.com.br/simposios-iii-sead>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- LEWIS, E. S. **“Não é uma fase”**: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

¹³ Orlandi (2015) entende que, ao acontecer o fenômeno da paráfrase, “apesar da variedade da situação e dos locutores, há um retorno ao mesmo espaço dizível” (ORLANDI, 2015, p. 15), enquanto na atualização da ordem da polissemia “nas mesmas condições de produção imediatas há no entanto um deslocamento, um deslizamento dos sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 15).

ORLANDI, E. P. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. **Rua**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 9–20, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>. Acesso em: 10 mar. 2021

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.